

## **Igarapés em comunicação: práticas para uma comunicação anticolonial<sup>1</sup>**

Sarah Fontenelle SANTOS<sup>2</sup>  
Luam Matheus dos Santos SANTANA<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Maranhão, UFMA  
Universidade Federal do Ceará, UFC

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as práticas do jornalismo popular na Plataforma de Comunicação Popular e Colaborativa OcorreDiário, que no seu fazer convida os setores populares a co-criar uma comunicação dialógica e emancipatório. Trazemos a metáfora dos igarapés para problematizar o usual lugar da fonte (Schmitz, 2011) e reposicioná-la no lugar de protagonismo, interação e autonomia (Freire, 2011). Como os igarapés, que fluem abrindo caminhos, os agentes sociais também colaboram na criação de um jornalismo comprometido com os setores subalternizados, abrindo potências decoloniais e novas perspectivas de re-humanização pela comunicação (Villanueva, 2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** fontes de notícias; jornalismo popular; comunicação anticolonial; igarapés; Ocorrediário.

### **Comunicação e práticas anticoloniais – Experiência e vivência do/no OcorreDiário**

Essa pesquisa é fruto da inquietação coletiva de comunicadores populares que, no exercício do seu fazer contra-colonial de suas práticas, refletem sobre sua prática a fim de compreender os processos inovadores em curso e contribuir para o aprimoramento da comunicação alternativa/popular. Nossa análise parte das produções da Plataforma de Comunicação Popular e Colaborativa OcorreDiário. Desde o método da pesquisa (Thiollent, 1986) analisamos os conteúdos produzidos pelo Ocorre Diário, Plataforma de comunicação colaborativa, e as relações ali estabelecidas entre os comunicadores e atores sociais envolvidos no processo de elaboração das narrativas e conteúdos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas Contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Jornalista e Relações Públicas pela UESPI, Doutora em Estudos da Mídia pelo PPGEM-UFRN. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFMA, email: sarah.fs@ufma.br

<sup>3</sup> Jornalista pela UESPI. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFC, email: luammatheus@gmail.com

Assim, propomos nesta pesquisa realizar uma reflexão teórica acerca do lugar das “fontes” nos processos de apuração, produção e circulação dos conteúdos jornalísticos que se propõem emancipatórios e decoloniais. Reflexões que vão desde a etimologia da palavra (contribuindo assim para a construção de uma gramática decolonial), aos efeitos dos processos hegemônicos e os elementos para pensar a comunicação decolonial.

Assim, estabelecemos os pontos de conexões centrais para a construção dessa ideia, acreditando na potência do pensamento descolonial/anticolonial para a conformação de experiências de comunicação plurais, de caráter emancipatório e libertário. Para a construção deste trabalho apostamos em uma abordagem transmetodológica (Maldonado, 2008) e também da pesquisação (Thiollent, 1998), pois nos inserimos no processo de produção do jornalismo popular em questão. As reflexões presentes neste trabalho são também fruto da participação e do fazer diário da comunicação popular posta na plataforma Ocorre Diário, que busca criar outros modos de tecer o jornalismo, sendo este localizado no campo popular. Podemos dizer, portanto, que se trata da produção do jornalismo popular, compreendendo-se este como a expressão que emana em meio aos processos mobilizadores que buscam a emancipação com o povo.

Esse reposicionamento, ao nossa ver, pode ser melhor observador a partir de uma metodologia transmetodológica, na medida em que entende que os contextos de estudos exigem sempre uma sensibilidade e afetos, onde o método se submete às necessidades, exigindo um conjunto de metodologias que permitam o mergulho nesta realidade a ser estudada. Para Maldonado (2002):

Cada problemática obriga-nos a sistematizar as percepções e vivências; ao mesmo tempo, não podemos deixar de fruir os processos para edificar concepções dotadas de fortaleza histórica e transcendência social. A dimensão sensitiva e emotiva de nossos afazeres de pesquisa tem um papel crucial na construção dos objetos de conhecimento, sem paixão o pouco que aflora resulta enfadonho e repetitivo (Maldonado, 2002, S/P).

Deste modo, cremos que a pesquisa-ação, poderá ser também um importante aliado. Desde essa visão, compreendemos que a participação des sujeitos é primordial para compreender a realidade vivida e também para produção do conhecimento. Segundo Thiollent a pesquisa-ação é:

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com urna ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e

os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986, p. 14).

Válido ressaltar que ambos os pesquisadores proponentes deste artigo são colaboradores na plataforma em questão, e assim se propõem a produzir conhecimento desde o fazer diário para contribuir com a ciência vivencial, comprometida com a elaboração de epistemologias enraizadas nas bases sociais e elas sirvam.

No processo de análise dos conteúdos da plataforma e suas narrativas, adotamos o procedimento de contabilizar a quantidade de reportagens por editoriais, compreender as estruturas das mesmas, destacando seus principais fios narrativos, dando relevo àquelas reportagens dentro do campo dos direitos humanos e movimentos sociais. De outro lado, nos debruçamos na compreensão dos modos de produzir as reportagens, na busca por encontrar as rotas das águas dos igarapés e suas conexões entre os/as comunicadores da plataforma e os grupos sociais protagonistas das histórias narradas. Assim, escolhemos para compor esta análise os processos realizados entre a plataforma e a comunidade Boa Esperança (Teresina-PI), as trocas com as comunidades indígenas Gamela e Tabajara (Gilbués-PI e Piri-piri-PI), as partilhas com o Quilombo Lagoas (Sul do Piauí) e as produções realizadas com comunidades de Pescadores no litoral do Piauí.

As interações entre os comunicadores populares que constroem o Ocorre Diário e as comunidades e movimentos sociais, revela que o que é comumente chamado de fonte nos meios hegemônicos, no espaço do jornalismo popular se torna um importante ator no processo comunicativo. O compromisso com as vozes do povo está na linha dorsal do jornalismo popular, pois ele existe para exacerbar os antagonismos de classes e elevar as vozes historicamente silenciadas pelo capitalismo/colonialista que age na perspectiva de desenraizar o povo de suas memórias, narrativas e histórias.

Nesta reflexão fazemos uso dos igarapés como uma metáfora que nos dá caminho, fazendo menção aos nossos povos originários e os saberes da terra, das águas e das florestas. Segundo o Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena, “Igarapé – do Tupi Guarani ir-r’apé = caminho d’água. Nascente de ribeirão, riacho”. Entendemos este também como córregos que abrem caminhos por entre as matas, banham, conectam e alimentam. Entendemos também a comunicação como um caminho que só faz sentido na conexão dos anseios, afetos e desejos comuns (Chiaradia, 2008).

[Digite aqui]

As narrativas que fluem por esses caminhos de água comunicativos se dão por meio dos modos de saber/fazer anticoloniais desta proposta de comunicação popular e insurgente. A Plataforma de Comunicação Popular e Colaborativa OcorreDiário é uma experimentação anticolonial no modo de pensar e produzir novas formas de saber na área jornalística, mas é contra-colonial no seu modo de descender de iniciativas latino-americanas que inspiram uma comunicação enraizada nas bases sociais. Nascido em 2018, o “Ocorre Diário” vem atuando na produção de conteúdos jornalísticos, artísticos e de opinião, desde as mais diversas pautas que atravessam as coletividades populares e suas subjetividades, com intuito de contribuir com a auto-organização e mobilização social. Este dispositivo comunicacional atua na produção de conteúdo; na formação por meio da educação popular, como é o caso do “Projeto Círculo de Saberes: Pensar/Agir em sociedade e comunidade”, que tem promovido cursos populares desde a metodologia freireana.

A produção comunicativa e jornalística é também uma busca por conhecer a realidade e partilhar deste conhecimento a muitos e muitas, assim é que precisa de rigorosidade metódica, tal qual Freire (2003) conta em *Pedagogia da Autonomia*, onde aponta-se para um processo educativo que não seja superficialmente feito, mas ensina um aprender criticamente possível e implica em: Presença, humildade, persistência e rigor. Assim também devem ser os processos que almejam narrar o cotidiano desde a perspectiva da sub/alternidade. Portanto, apostamos em fontes que cultivem a autonomia, pois firma uma palavra que, colonizada, passou por invisibilização, apagamento ou mesmo por falsificação. Dizer a palavra então se torna uma tarefa de comprometimento e não pode ser feita sem organização ou método, por mais simples que ele seja.

No OcorreDiário, a produção de conteúdos, sejam jornalísticos, artísticos ou de opinião, passa por uma construção coletiva, seja na produção da pauta, coleta dos materiais e confecção do material, tornando-se igarapés que conectam sujeitos, ações e narrativas. Onde nasce a informação é também onde ela se elabora enquanto notícia, reportagem ou opinião ou interpretação da realidade. As fontes/andarilhas caminham até o final do processo que se pretende participativo o máximo possível, incorporando-se como igarapés, onde para sua sobrevivência ela está em circularidade, pois horizontal e auto-organizada em co/laboração dos fatos.

É possível observar, desde os conteúdos, passando pelas relações estabelecidas, que a práxis produtiva do Ocorre Diário questiona tanto as rotinas produtivas do jornalismo hegemônico como as hierarquias por este instituídas na produção da notícia, colocando repórteres e atores sociais num plano simétrico na construção das narrativas.

Podemos recorrer à Villanueva (2018) quando ele se refere à re-humanização da comunicação como seu sentido mais primitivo. A primazia da comunicação se faz quando o processo é capaz de re-humanizar, de reconectar laços de solidariedade entre os entes da terra. Convém-nos libertar os laços colonizadores que prendem a comunicação ao mero efeito de transmitir. Para Villanueva, decolonizar a comunicação é repensá-la, e reconhecer o seu sentido amplo que apresenta dimensão, dialógica, democratizante e humanizadora.

O diálogo real é a chave da produção no jornalismo popular, onde se cria laços de confiança e portas abertas para o constante processo de mobilização social, pois mais do que transmitir uma informação o que está em jogo é contribuir para o processo emancipatório das classes populares e dos setores oprimidos pelo sistema colonial capitalista. Não basta informar, para concretização dos objetivos do jornalismo popular é preciso mobilizar. E mobilizar é também dialogar:

[...] mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados... Toda mobilização é mobilização para alguma coisa, para alcançar um objetivo pré-definido, um propósito comum, por isso é um ato de razão. Pressupõe uma convicção coletiva da relevância, um sentido de público, daquilo que convém a todos. Para que ela seja útil a uma sociedade ela tem que estar orientada para a construção de um projeto de futuro. Se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente. (TORO E WERNECK, 1996)

Viés da comunicação dialógica, horizontal e que entende a circularidade dos processos coletivos e populares, o jornalismo popular só ganha sentido quando mobiliza vontades de partilhas e age em colaboração para alcançar objetivos comuns. Mais do que realizar comunicados, o jornalismo popular convida a uma mobilização permanente e atenta com vistas a resultados, não imediatistas, mas aqueles que se experimentam na vastidão do cotidiano.

## REFERÊNCIAS

CHIARADIA, Clovis. **Dicionário Palavras Brasileiras Origem Indígena**. Editora Limiar; 1ª edição, 2008.

DIAZ BORDENAVE, J. E. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Col. primeiros passos; 95).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MALDONADO, Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. Revista do PPCA da UFF. Rio de Janeiro, 2002.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias : ações e estratégicas das fontes no jornalismo**. - Florianópolis : Combook, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1986.

TORO, J. B.; WERNECK, N. M. D. F. **Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação**. UNICEF Brasil, 1996. Disponível em: <http://cedoc.fac.unb.br/images/docs/mobilizacao-social-bernardo-toro-e-nisia-mariaduarte-werneck.pdf>. Acesso em: Agosto, 2019.

VILLANUEVA, Erick Rolando Torrico. **La rehumanización, sentido último de la decolonización comunicacional**. In: XIV CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 2018, Costa Rica. Anais [...]. Costa Rica: Alaic, 2018. Disponível em: [http://alaic2018.ucr.ac.cr/sites/default/files/2019-02/GI%204%20%20ALAIC%202018\\_0.pdf](http://alaic2018.ucr.ac.cr/sites/default/files/2019-02/GI%204%20%20ALAIC%202018_0.pdf). Acesso em: 25 maio 2019.